

## EDITORIAL

---

*Community is usually conceived as constituted by a number of individuals having something in common – a common language, a common conceptual framework – and building something in common: a nation, a polis, an institution. I started to think of those who are leaving everything – who are dying. Death comes singularly for each; each one dies alone.*

Alphonso Lingis

No último 12 de Fevereiro, o colóquio organizado por esta revista, sobre cultura pública, democracia e terrorismo, foi uma discussão, simultaneamente, académica, pública e institucional. A conferência da manhã, que abriu o colóquio e foi proferida por mim, na condição de editor, tratou o problema do ponto de vista do idioma teórico contemporâneo e da responsabilidade da academia com a imaginação da linguagem social. A dimensão pública da discussão foi particularmente marcada pelo painel da tarde, com a participação do Professor Carlos Amaral Dias, director do ISMT e da revista, do General Alberto Loureiro dos Santos e do jornalista, Dr. Carlos Magno. Por seu lado, a adesão dos alunos e docentes do ISMT realizou, da melhor forma, o significado institucional do acontecimento, visando dinamizar, na vida interna do Instituto, a relação entre educação, a construção da teoria e a construção da sociedade. A partir de agora, a revista irá promover,

uma vez por ano, um debate deste tipo. O material será publicado numa brochura própria, de modo que cada colóquio terá, assim, a sua própria edição na série de colóquios do ISMT.

Este número da revista publica a Oração de Sapiência proferida a 22 de Novembro pelo Professor José Henrique Dias, na sessão de abertura solene do ano lectivo 2002-2003 do Instituto Superior Miguel Torga. A solenidade deste texto erudito e inteligente expressa a sedimentação das rotinas universitárias nesta instituição.

O artigo de Laura Ferreira dos Santos, o primeiro no grupo de ensaios críticos deste número, discute a eutanásia como uma questão de democracia e cidadania. O problema não é o direito à morte, mas o facto de que as sociedades democráticas enfatizam um determinado triunfalismo da vida, em particular, a mística do futuro e da qualificação das condições de existência, os avanços na medicina, na saúde e no prolongamento da esperança de vida, o que, por vezes, se designa como vitórias contra a morte. A questão é que o esquecimento da morte coloca de lado uma importante dimensão da própria democracia. O convencional refrão religioso de que a vida não está nas mãos de cada um e que ninguém se pode substituir a Deus refere, na verdade, implicitamente, que o poder sobre a morte é a questão radical do poder. Se a democracia é a cultura da dignificação da vida, a problematização da morte é o futuro da própria democracia, quer dizer, só é possível ir cada vez mais longe na democratização das sociedades, trazendo a morte para o terreno da discussão da plenitude da vida de cada um.

Neste sentido, o argumento do filósofo americano Alphonso Lingis, no livro *The Community of Those Who Have Nothing in Common*<sup>1</sup>, parece semelhante a esta visão sobre eutanásia, democracia e alteridade. A ideia de Lingis é que se a noção de comunidade (ou cultura pública) constitui uma dimensão intrínseca na construção dos projectos de sociedade, política e cultura, ao mesmo tempo, porém, a morte permanece, incorrigivelmente, como uma situação singular e não comum. Quer dizer, se nós podemos viver a nossa vida na companhia de muitos (a vida é 'comum'), não é possível viver a nossa morte com alguém. Mesmo quando se morre na companhia de muitos – a obra do terrorismo e da guerra, dois temas tão actuais agora, é que muitas pessoas morrem juntas – porém, a morte é 'sin-

---

<sup>1</sup> Alphonso Lingis, *The Community of Those Who Have Nothing in Common*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

gular', porque todos morrem sozinhos, mesmo morrendo junto de alguém. O paradoxo, desta forma, é que, se todos os seres humanos têm a mortalidade como uma situação intratável e comum, no entanto, a morte resiste ao englobamento do contrário. A questão de Lingis, porém, é que o facto de a morte não poder ser vivida com o outro constitui uma possibilidade radical de comunidade pública democrática: 'Não existe uma convicção crescente, cada vez mais clara hoje, entre inumeráveis pessoas, que o morrer de pessoas *com as quais não temos nada em comum* – parentesco racial, linguagem, religião ou interesses económicos – nos interessa? Sentimos, obscuramente, que a nossa geração está a ser julgada, em última instância, pelo abandono dos cambodjanos, somalis e os desalojados sociais nas ruas das nossas cidades'<sup>2</sup>. Precisamente, a questão da eutanásia – a dádiva da morte a alguém com a participação plena e o comando por parte de quem recebe a morte – parece constituir parte desta discussão anti-essencialista de que a morte que não se tem em comum com ninguém é uma fundamental condição de alteridade na democracia e na comunidade humana, porque, segundo Lingis, os 'verdadeiros valores não são o que nós temos em comum, mas o que individualiza cada um e faz dele ou dela um outro'<sup>3</sup>.

O artigo seguinte desta série, de Regina Tralhão, trata das propostas contemporâneas para um novo regime legal acerca do acesso, consumo e comercialização das drogas. A autora observa este debate como um problema com o mapa da cultura política contemporânea. Por um lado, as várias perspectivas – entre os extremos da total proibição e espírito persecutório até à persuasão segundo a qual, mesmo tratando-se de um dano e um grave risco, não deve ser proibido o direito de os indivíduos assumirem as responsabilidades pelas suas próprias opções – são uma expressão vibrante da diversidade ideológica e política actual. Mas, ao mesmo tempo, expressam a dificuldade de demarcar territórios fixados, porque ideias opostas, na verdade, conhecem muitas áreas de sobreposição e ambiguidade. O esforço analítico para o mapeamento cognitivo da realidade política e ideológica actual é, assim, ele próprio parte da tensão entre novas condições de possibilidade na discussão de problemas e a influência de sub-textos ideológicos e culturais na crítica da sociedade.

A antropologia e o serviço social – o tema do texto de Mário Nobre

---

<sup>2</sup> Lingis, p.x (itálico acrescentado).

<sup>3</sup> Lingis, p.x.

João que se segue – apresentam muitos campos de intersecção, numa época em que a expansão das ideias de cultura e identidade cultural (conceitos seminais para a antropologia) articula-se com preocupações actuais acerca do modo como cultura se relaciona com sociedade e a solução transformativa de problemas sociais. Por outro lado, a qualificação da sociedade (o projecto do serviço social) aparece hoje articulado com a evidência de que não é mais possível resolver questões sociais, em comunidades crescentemente multiculturalistas, transnacionais e multiétnicas, sem levar em conta os problemas da identidade cultural e como, afinal, sociedade se relaciona com cultura. Este artigo foca, em particular, as diásporas da segunda metade do século XX nos países ocidentais, os países metropolitanos, agora que, para utilizar um argumento bem conhecido, o antigo colonizado passou a habitar a casa do colonizador. A questão aqui é como novas práticas de pesquisa estão relacionadas com novas possibilidades de intervenção na sociedade, articulando, assim, diferentes dimensões de uma prática crítica.

A ideia de que o conhecimento genético é um aspecto fundamental do mercado, na cultura contemporânea, constitui, por outro lado, a ideia original e teoricamente produtiva do artigo do economista Henrique Amaral Dias, focando, particularmente, as consequências sobre a divisão do trabalho. A questão genética permite um campo de argumentação privilegiado no debate entre teorias clássicas e neoclássicas e o problema de como o próprio mercado é procreativo e fonte de conhecimento.

O ISMT iniciou, neste ano lectivo, a nova licenciatura em Informática de Gestão. O ensaio da engenheira Maria Joana Urbano é, por isso, muito relevante na promoção e visibilidade deste campo de trabalho na instituição, um texto inerentemente técnico, acerca de novas possibilidades na solução de limites actuais da Internet, na convergência entre tecnologia informática e a expansão da cultura electrónica.

O Editor